

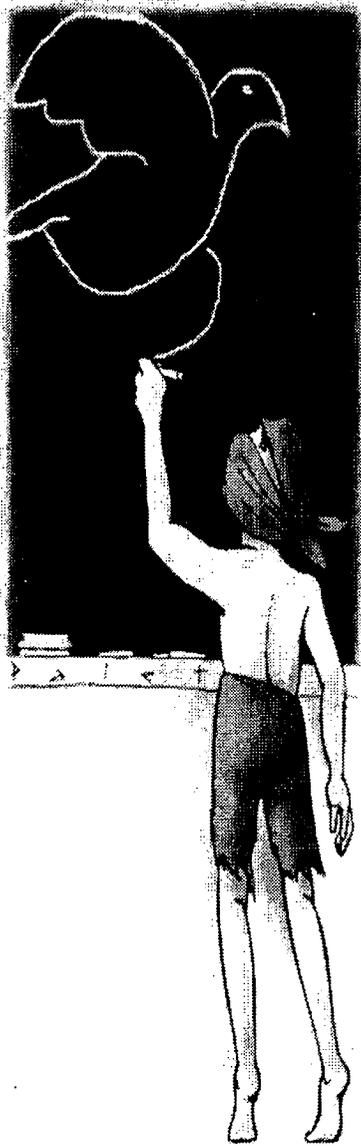
Cultura da violência II - a revanche

EDUCAÇÃO DE MÁ QUALIDADE É INVESTIMENTO NA DELINQUÊNCIA

O que fazer para estancar a escalada da violência? Quase todo mundo concorda que a maneira mais eficiente de se combater a violência é a escola. Mas quem está oferecendo a melhor resposta concreta à violência é mesmo uma Escola de Samba. A Mangueira está dando uma lição de cidadania e ensinando para o Brasil inteiro que se enfrenta a violência com educação, cultura, cidadania, qualificação profissional, oportunidades para entrar no mercado de trabalho. Desde que iniciou o seu projeto social, em 1990, a Mangueira conseguiu atingir os mais altos índices de escolaridade e os mais baixos índices de infrações cometidas por crianças e adolescentes entre os morros do Rio de Janeiro. Conseguir esses índices é uma façanha, sabendo-se que os morros cariocas se transformaram em escolas do crime e em praças de guerra.

As atividades da Mangueira atendem atualmente cerca de quatro mil crianças. Na Mangueira, as crianças têm a chance de participar de oficinas de fabricação de instrumentos, danças de rua, desenho, teatro, artesanato, telemarketing, orientação sexual, higiene, saúde, esportes, música. As estatísticas revelam que a maioria dos atos delituosos em Brasília são praticados por gente com idade entre 18 e 35 anos.

⇒ E, em Brasília, o que nós temos como opção de lazer e educação nas periferias da cidade? Nada ou quase nada, em um contexto social explosivo do desemprego, injustiças sociais, miséria, degradação dos valores, sedução para o consumo, pedagogia da violência. Como se sabe, a mídia não pára de bombardear estímulos à barbárie. Herói é o que vence, arreventa, massacra, mesmo que seja o mais vil covarde. Sem nenhuma opção de lazer, a violência se transforma em um esporte radical. Há várias décadas cabeças e grupos mais lúcidos da cidade chamam a atenção para a necessidade de se criar centros de cultura, centros de formação de valores, centros de formação da sensibilidade, nas cidades da periferia de Brasília. Entretanto, sucessivos governos têm se mantido insensíveis a esses sinais de alerta. É como se cultura e lazer fossem perfumaria, coisas supérfluas. A resposta está estampada nas manchetes dos jornais e no sentimento de insegurança que toma conta da população. E a responsabilidade não é só do governo. Em Brasília não existem projetos de excelência na educação bancados pelo empresariado local e são raras as iniciativas comunitárias.



Mas o fato de que uma das melhores respostas à violência venha de uma escola de samba e não de uma escola é digno de atenção. Não basta realizar campanhas para colocar as crianças na escola. É preciso acrescentar em todas as campanhas o termo qualidade. É muito importante colocar todo mundo dentro da escola. Mas isso não é suficiente para educar. Se se jogam crianças e adolescentes de qualquer jeito na escola, eles querem fugir de lá como se fosse uma prisão. Qualidade não pode continuar a ser uma palavra maldita na educação.

E a escola está se transformando em um dos alvos preferidos da violência. Esse é um dado gravíssimo. Se a saída para a violência é a educação, não se pode permitir que a escola seja contaminada pela violência. É a desmoralização total de qualquer noção de autoridade. A escola deveria ser um território sagrado. Praticar atos de violência em uma escola tem de ser considerado uma tremenda roubada, sujeira, fria. Se a gente deixa que a escola se transforme em um território da violência, então não existe mais nenhuma esperança, estamos condenados à barbárie. Se uma Escola de Samba consegue realizar

um projeto moderno, atraente, formador da consciência e da cidadania, por que as escolas da rede pública não conseguem? Se a Mangueira vem realizando esse projeto desde os anos 90 como aceitar o argumento de que só será possível modificar o perfil do sistema de ensino daqui uns 10 ou 20 anos?

Felizmente, o programa social da Estação de Mangueira é apenas um entre inúmeros exemplos de experiências bem sucedidas na área da educação no Brasil e no mundo. Em Nova Iorque, um projeto, baseado principalmente no esporte, conseguiu baixar drasticamente os índices de criminalidade. As quadras permanecem funcionando 24 horas. No Rio de Janeiro, o craque Zico banca uma escolinha de futebol, onde o principal objetivo é formar cidadãos, antes de formar jogadores. Na Bahia, o Projeto Axé realiza um trabalho magnífico com crianças e adolescentes em situação de risco. Tudo é realizado com beleza, qualidade, imaginação, requinte. Na ponta do lápis, segundo estimativas feitas há três anos atrás, uma criança ou adolescente custava por mês no Projeto Axé um décimo do que custava nas instituições de privação de liberdade, que são, de fato, escolas do crime ou sucursais do inferno. É preciso enfatizar que qualidade tem um preço.

Transformar as sucursais do inferno em espaços pedagógicos custa caro mesmo. Educação pública a preço de banana é educação para a degradação, a decadência, a barbárie.

O Projeto Axé tem um departamento de pedagogia à disposição de qualquer interessado para troca de experiências. Por que não multiplicar estas experiências? Todas estas iniciativas, desenvolvidas por organizações não-governamentais, poderiam inspirar toda uma renovação no sistema tradicional de ensino. Não se trata de massificar experiências, mas sim de assimilar as experiências de forma criadora, atentando para diferenças regionais. Moral da história: onde há miséria, há violência. Mas, em contrapartida, onde há educação com qualidade, a escalada da violência diminui drasticamente, mesmo onde existe miséria. É preciso aí uma decisão política para se desarmar essa bomba social. Não se pode permitir que a educação de nossos filhos fique a cargo de Ratinho e outros camundongos de plantão e a violência se transforme em um gênero de entretenimento, uma espécie de Disneylândia regada a ketchup arisco.

Diretor comercial: Luciano Coutinho

● **SIG - Setor de Indústrias Gráficas** - Trecho I - Lotes 585/645 - Brasília - Distrito Federal ● CEP: 70610-400 ● PABX: (061) 319-2000 ● FAX: (061) 226-6735 e 226-7084 ● Telex: (061) 1208 e 4435 ● **Comercial Telefone** (061) 319-2036 e 319-2037 ● **Classificados** (061) 319-2020 ● Fax (061) 321-5267 ● **Artes-Gráficas** (061) 319-2076 ● **Circulação e Assinatura** (061) 319-2031 e 31902032 ● **Telemarketing** (061) 319-2010 ● (Assinatura por telefone) ● **Atendimento ao leitor** (061) 319-2050 ● **Preço da Assinatura**

(DF e GO) Mensal R\$ 34,00 ● Trimestral R\$ 102,00 ● Semestral R\$ 204,00 ● Anual R\$ 408,00 ● **Outros Estados** ECT simples R\$ 590,00 ● ECT aéreo R\$ 760,00 ● **Vendas avulsas** (DF e GO) Dias úteis R\$ 1,00 ● Domingos R\$ 2,00 ● **Vendas Avulsas** ● **Outros Estados** Dias úteis R\$ 1,20 ● Domingos R\$ 2,00 ● **Representante Nacional:** Pereira de Souza ● **Serviços noticiosos** ● Agência Globo ● Agência Estado ● Radiobrás ● AJB, Sport Press ● UPI, France Press e AP ● Os artigos assinados não expressam necessariamente a opinião do **Jornal de Brasília**.